

# CARAMINHOLAS DE BARRIGAPÉ



Marcos Bagno

## SINOPSE

Barrigapé é um caracol que vive num brejo, mas que é diferente dos demais companheiros, porque não para de ter ideias e de sonhar com coisas mirabolantes. Para começar, ao saber que o nome científico de sua família era Gastrópode, logo trata de mudá-lo. Depois, o espevitado Barrigapé inventa de voar como uma borboleta, cantar como as cigarras e os passarinhos, nadar como uma tartaruga e até falar como os seres humanos. Uma história de rara sensibilidade, escrita por um grande autor brasileiro.

## PALAVRAS DO AUTOR

Nasci em Minas Gerais, mas sempre vivi fora de lá: Bahia, Rio de Janeiro, Brasília, Recife, São Paulo, Brasília novamente. Comecei a inventar histórias muito cedo, antes mesmo de ir para a escola, porque aprendi a ler e a escrever em casa, praticamente sozinho. Nunca mais parei. Apaixonado pelas línguas, aprendi algumas delas e me tornei professor de Linguística (a ciência das línguas) da Universidade de Brasília. A aventura de Barrigapé é uma das muitas que escrevi a pedido de meus filhos, que gostavam de ouvir histórias novas e inéditas toda noite antes de dormir.

## FICHA TÉCNICA

Ilustradora: Cris Eich  
Formato: 20 x 20 cm  
Número de páginas: 32  
Coleção: *De fio a pavio*  
ISBN: 978-85-7472-849-0  
Indicação: A partir de 9 anos

**Selecionado para o catálogo brasileiro apresentado na Feira do Livro Infantil de Bolonha 2009, na Itália.**

# CARAMINHOLAS DE BARRIGAPÉ



Marcos Bagno

“A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.”

ANTONIO CANDIDO

(CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 186.)

“A fruição literária não é um simples ato de consumo, mas uma construção que pressupõe capacitação, experiência. É, pois, necessário deixar de associar a leitura prazerosa à ideia da mera facilidade ou lazer. Na facilidade, não está necessariamente o prazer e, na obrigação, não está necessariamente o desprazer. O prazer pode estar associado à realização.”

LUIZ PERCIVAL LEME BRITTO

(BRITTO, Luiz Percival Leme. Sobre o processo de formação do gosto e a constituição do sujeito leitor. *Prazer em Ler 2*, São Paulo, fev. 2007. p. 26.)

“A literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura — a de “conhecimento do mundo e do ser”, como sugere Antonio Candido, o que representa um acesso à circunstância individual por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor. E vai mais além — propicia os elementos para uma emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita do próprio saber.”

REGINA ZILBERMAN

(ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 29.)

“... a diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura.”

RILDO COSSON

(COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 35.)

“O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.”

*Parâmetros Curriculares Nacionais*

(BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental — língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.)

# CARAMINHOLAS DE BARRIGAPÉ



Marcos Bagno

## FORMAÇÃO DO LEITOR

### PREPARAÇÃO E MOTIVAÇÃO PARA A LEITURA

No processo de formação do leitor, o seu papel, professor, é fundamental, especialmente ao procurar atrair o interesse e a curiosidade das crianças. Para motivá-las para a leitura, você pode apresentar o livro, ler um trecho (se for um texto narrativo em prosa ou um texto teatral) ou um dos poemas (se for um livro de poesia), oferecer informações complementares que situem a leitura, criar suspense – quando for o caso – a respeito do final ou da sequência da narrativa, contar uma história que tenha a ver com o texto que será lido ou utilizar outras estratégias que despertem nelas o desejo de ler “aquele” livro em especial.

No entanto, nesse processo, cabe a você não somente o papel de incentivador da leitura mas também de mediador das atividades de compreensão do texto, fornecendo um conjunto de instrumentos de interpretação e de estratégias para que as crianças alcancem progressivamente a autonomia leitora.

A compreensão do que se lê depende também de fatores externos ao texto, como os conhecimentos prévios das crianças. Por isso, é importante sempre incentivá-las a usar os conhecimentos que já possuem – o que sabem sobre o gênero/tipo de texto (como geralmente se organiza e que recursos linguísticos e literários costuma utilizar), o tema e o autor, outros textos que tenham lido, situações que vivenciaram, etc. – para formularem hipóteses sobre o que vão ler ou o que estão lendo.

O levantamento de hipóteses percorre todo o processo de leitura, mas pode ser feito já na exploração prévia do texto/livro, a partir da observação de alguns indicadores: gênero/tipo de texto (narrativa, poema, texto teatral, livro de imagem), organização do texto (partes em que se divide, distribuição no papel, relação entre texto e imagem), autor, título, capa, ilustrações (personagens, cenário, cores, etc.), entre outros. Levantando e checando hipóteses interpretativas, os leitores vão buscando o “fio da meada” que lhes permite construir o sentido do texto que está sendo lido.

Para facilitar a entrada no texto, você pode recorrer a perguntas pedagógicas para orientar seus alunos e apontar caminhos possíveis para a compreensão do que se lê. Considerando o perfil da turma, você pode elaborar perguntas de antecipação (pré-leitura) que ajudarão os alunos a formular hipóteses e a ativar conhecimentos relevantes para a leitura do texto, partindo do que já sabem para descobrirem o que ainda não sabem e construindo uma ponte entre o livro que será lido e o que foi trabalhado anteriormente na sala de aula.

Um recurso valioso que também facilita a entrada no texto é a leitura expressiva, que consiste em dar vida às palavras, em colocar na voz os sentidos do texto, ou seja, em oralizar a interpretação do texto. Ler expressivamente é ler com a entonação e o ritmo adequados, com a modulação da voz, com boa dicção, com as pausas devidas, com naturalidade, com a ênfase correta (um momento de suspense ou de grande descoberta, por exemplo). Por ser uma atividade que consegue chamar a atenção das crianças para a beleza das palavras e também despertar e manter o interesse delas pela leitura, deve ser mais valorizada na escola e praticada com maior frequência.

# CARAMINHOLAS DE BARRIGAPÉ



Marcos Bagno

## EXPLORAÇÃO DA LEITURA

O processo de exploração da leitura tem como objetivo facilitar às crianças a compreensão das características de composição verbal e/ou visual do livro lido.

Cabe a você, professor, fazer perguntas que permitam às crianças compreender que a literatura trabalha com palavras e imagens para criar efeitos de sentido. Essas questões devem ampliar a compreensão do texto literário e despertar o olhar dos alunos para a multiplicidade de sentidos que os textos dessa natureza podem oferecer. Essa é uma excelente estratégia didática, sobretudo para a exploração da leitura daqueles textos que se distanciam muito do nível de autonomia de leitura das crianças. É também importante que os alunos possam interrogar o texto, explicitando os procedimentos que utilizam para lhe atribuir sentido. Assim, você contribuirá, de fato, para a formação do leitor e evitará a fragmentação e a leitura excessivamente pedagógica e escolar dos textos da esfera literária.

Para fazer a ponte entre a etapa de preparação e a exploração propriamente dita do texto, você pode pedir aos alunos que realizem uma investigação prévia da linguagem utilizada, orientando-os por meio de perguntas. Podemos citar como exemplo, dentre tantas outras, estas questões: “O texto foi entendido com facilidade ou não?”, “Existem palavras que geraram dúvidas?”, “Os parágrafos são curtos ou longos?”, “O que aconteceu no início da história?”, “O que determinou que o personagem mudasse de ideia?”. Pode-se também tirar proveito dos efeitos de sentido produzidos pelos sinais de pontuação (onde se localizam os pontos-finais, a que tipo de sentimento se referem as exclamações, que tipo de dúvidas é indicado pelas interrogações e o que sugerem as reticências), para que as crianças comecem a reconhecer e se familiarizar com as funções expressivas desses elementos.

Após essa visualização mais geral do texto, pode-se então passar a aspectos específicos do gênero/tipo de texto ou da narrativa visual (se for um livro de imagem).

Se for um texto narrativo, seus elementos centrais devem ser analisados, como o tempo, o espaço (geográfico, social ou mágico), as relações entre os personagens principais e os secundários, o narrador, entre outros aspectos.

Tomando o cuidado de não transformar a exploração da leitura em uma aula de gramática, pode-se perguntar às crianças se a história é narrada no passado, no presente ou se faz referências a um tempo futuro, instigando-as a comentar como chegaram às respostas dadas. Alguns elementos do texto podem indicar quando ocorre a história, como algumas palavras e expressões (“ontem”, “hoje”, “no mês passado”, “antigamente”, dentre outras), verbos e tempos verbais (“faz”, “está fazendo”, “brinca”, “andou”, “comeu”, “buscará”, “vai buscar”, etc.).

Pode-se explorar o espaço chamando a atenção dos alunos para palavras e expressões que denotam essa ideia e que fazem com que possam construir uma imagem mental do local onde os fatos ocorrem. Como se trata de literatura, os espaços representados nas narrativas devem ser vistos como imagens de ideias, de mundo inventados, de interpretações, seja do escritor, seja da coletividade. Um castelo, por exemplo, é muito mais do que uma construção grande e rica: representa o imaginário dos contos de fadas.

O narrador é uma figura central da narrativa e não deve ser confundido com o autor. É interessante mostrar como o narrador pode se apresentar no texto: pode ser um personagem principal ou secundário, participar da história e contar os eventos em primeira pessoa ou pode estar posicionado fora dos acontecimentos e contar a história dessa perspectiva, como observador somente.

# CARAMINHOLAS DE BARRIGAPÉ



Marcos Bagno

As características dos personagens podem ser reconhecidas a partir da exploração de comportamentos, falas, silêncios, figurino, ações. Para orientar o olhar das crianças, você pode fazer algumas perguntas, como estas: “Que papel eles desempenham na história?”, “Gostam de brincar?”, “São falantes, calados, alegres, solitários?”, “Vão à escola?”, “Têm amigos?”, “O que sentem?”, “O que pensam?”, “Como se relacionam com os demais personagens (amizade, ódio, amor, solidariedade...)?”. Para ampliar as possibilidades de compreensão e interpretação do texto, você pode pedir aos alunos que façam comparações com outros personagens ou com pessoas que conheçam: poderão dizer, por exemplo, que tal personagem se parece com eles próprios, com a Emília ou com o Menino Maluquinho, que fala como o Lobo Mau, que tem os cabelos brancos como os da avó, etc. É uma estratégia produtiva para perceber como se constrói um personagem. Nessa atividade de associação, entretanto, o texto deve ser o ponto de partida e de chegada. Por isso, é muito importante que você, professor, não deixe as discussões perderem o foco da leitura, partindo para comentários a respeito da vida das crianças ou indo para longe do texto.

Dependendo do gênero, você deve chamar a atenção para diferentes elementos de composição. Na leitura de poemas, deverá orientar o olhar de seus alunos para características como sonoridade, rimas, ritmo dos versos. Mostre para as crianças que a escolha das palavras, na literatura, especialmente na poesia, é cuidadosamente pensada para obter determinados efeitos, sejam de sentido, sejam sonoros, sejam imagéticos, ou todos ao mesmo tempo.

Já no trabalho com o texto teatral, deve-se comentar que a finalidade é a representação cênica e, para tanto, alguns elementos da composição dramática devem ser ressaltados. As crianças precisam reconhecer a semelhança com a narrativa - o texto feito para o teatro também conta uma história, com cenário, personagens e no decorrer de um tempo determinado - e identificar e analisar as rubricas, que são as balizas desse gênero: indicações sobre a cena, como devem ser pronunciadas as falas, como devem se movimentar e se comportar os personagens, seu figurino, seus gestos e outras indicações.

Se o texto for não-verbal, como é o caso dos livros de imagem e das ilustrações que acompanham os textos verbais, outros olhares e percepções devem ser acionados. A composição visual envolve uma técnica (colagem, aquarela, nanquim, xilogravura; cores fortes, tons pastéis, traços finos ou espessos, etc.), escolhida pelo ilustrador para produzir determinados significados e/ou efeitos. A exploração das ilustrações de um livro deve ter como foco a estrutura e a composição e deve contemplar as relações entre texto e imagem, entre título e história narrada, entre personagens e demais elementos da narrativa (espaço, tempo, linguagem, narrador, por exemplo). Para orientar o olhar dos alunos na exploração das ilustrações, você pode recorrer a algumas perguntas, tais como: “Que tipo de elementos visuais demonstra que o espaço é grande ou pequeno, claro ou escuro?”, “Como é possível saber se os personagens estão no campo, na cidade, em casa ou em outros lugares?”, “As imagens revelam aspectos da realidade ou da fantasia?”, “De que forma as ilustrações se relacionam com o texto verbal, ampliando os seus sentidos e enriquecendo a leitura?”.

# CARAMINHOLAS DE BARRIGAPÉ



Marcos Bagno

## EXPANSÃO DA LEITURA

Realizado o trabalho de exploração da leitura, é interessante promover a ampliação dos conhecimentos, impressões, sentimentos e significados que vieram à tona a partir do contato com o texto literário. Nesta etapa, é fundamental que você situe a leitura do livro em um universo mais amplo de expressão, o que pode acontecer de variadas formas.

Um conceito importante nesta etapa é a intertextualidade. Deve-se propiciar às crianças a oportunidade de relacionarem o texto lido com outras leituras que fizeram (diálogo com a própria literatura) e também com outras formas de expressão, como as artes plásticas, a música, o teatro, o cinema, os quadrinhos.

No caso das relações entre textos literários, deve-se desafiar as crianças a estabelecer comparações (busca de semelhanças e diferenças) de alguns aspectos: estilo dos autores (diferentes escritores têm estilos também diferentes, e isso se evidencia nas escolhas que fazem e no modo como compõem seus textos), linguagem, temática, estrutura do texto, características dos personagens, técnica de ilustração, entre outros.

É você, professor, a pessoa mais preparada para perceber as possibilidades de exploração de intertextualidade que sejam mais produtivas para seus alunos, já que cada turma tem sua história de leituras prévias, de vivências culturais, de projetos anteriores de leitura. Enfim, as atividades de expansão da leitura dependerão muito do perfil das crianças, para que elas possam, efetivamente, fazer ligações entre o livro que leram e outros que já conhecem, filmes ou peças de teatro a que assistiram, obras de arte que tenham visto, músicas que tenham ouvido.

Debates, pesquisas e atividades lúdicas (por exemplo, encenações, associações de palavras, ilustrações, jogos, projetos de divulgação na escola e na comunidade) podem enriquecer a compreensão e a interpretação do texto. Obviamente, isso não deve se tornar pretexto para atividades meramente pedagógicas, nem resultar no abandono do texto literário, que deve ser sempre, vale a pena ressaltar, o ponto de partida e de chegada do trabalho com a leitura.

# CARAMINHOLAS DE BARRIGAPÉ



Marcos Bagno

## BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

- ◆ ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. *A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. 8. ed. rev. e atual. São Paulo: Artmed, 2005. p. 179-182.  
O trecho recomendado discute o papel da literatura na formação do ser humano e o incentivo, desde cedo, à leitura.
- ◆ CABRAL, Márcia. A criança e o livro: memória em fragmentos. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira (Org.). *Infância e produção cultural*. Campinas: Papirus, 1998. p. 151-170.  
Dialogando com textos autobiográficos dos escritores Graciliano Ramos e Elias Canetti, esse texto investiga a relação da criança com o livro e com a leitura e ressalta a importância de um bom mediador.
- ◆ COSSON, Rildo. Aula de literatura: o prazer sob controle? In: \_\_\_\_\_. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 25-30.  
Esse capítulo do livro trata das relações entre literatura e escola e dos seus conflitos. É um texto questionador, que pode favorecer a reflexão sobre a sua prática e sobre o ensino de leitura na escola.
- ◆ KLEIMAN, Angela B. Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor: teorias de leitura e ensino. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; BECKER, Paulo Ricardo (Org.). *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2005. p. 21-41.  
De forma bastante didática, a autora apresenta sucintamente as principais teorias relacionadas à leitura, discutindo as suas implicações para o ensino na escola: os estudos do letramento (leitura e prática sociocultural), as teorias linguístico-discursivas (a noção de gênero) e as teorias sociocognitivas (as estratégias de compreensão).
- ◆ ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 25-30.  
O trecho sugerido trata da formação do leitor e das relações entre literatura e escola.

# CARAMINHOLAS DE BARRIGAPÉ



Marcos Bagno

## PROPOSTA DE TRABALHO

### ANTES DA LEITURA

1. Apresente o título da história e faça alguns questionamentos. Num primeiro momento, este título pode parecer não ter muito sentido. O que quer dizer “caraminholas”? Alguém já ouviu esta palavra? Por que será que o livro leva esse nome? Deixe que os alunos comentem, lancem hipóteses e, depois de refletirem, diga que Barrigapé é o nome do personagem principal do livro.
2. Leia com a turma a p. 3 e, a partir da leitura, interrogue se é possível antecipar algo sobre a história e seu principal personagem. Chame a atenção para a lista de palavras que vêm antes do termo “caramujo”. Pergunte se alguém conhece o significado de alguma delas. Existe algo em comum entre essas palavras? O que é? Como pode ser interpretada a repetição da palavra “caramujo”? Por que será que o caramujo dessa história não é bobo?

### DURANTE A LEITURA

1. Levante questões que facilitem o entendimento do texto, promovendo uma discussão preliminar com o grupo. Em que local se passa a história? Quais são os personagens? Ofereça uma breve explicação sobre a classificação das espécies, informando que todos os animais são classificados de acordo com as características de sua espécie e que recebem nomes de origem latina.
2. Como era Barrigapé? Sugira aos alunos que tracem um perfil do personagem principal do livro, identificando seus sonhos, sua “personalidade”, sua maneira de falar. Por que ele era diferente dos outros caramujos do brejo? Qual é a primeira mudança radical que Barrigapé promove? Como pode ser interpretada a passagem na qual se diz que “Barrigapé era mesmo da pá virada. (...) Um caramujo cheio de caraminholas” (p. 7)? Discuta a visão conservadora que a comunidade do brejo tem dos sonhos do personagem, evidenciando certa passividade e talvez até medo diante do novo, daquilo que foge ao “script” da vida de um caramujo.
3. Chame a atenção para o fato de que Barrigapé e os caramujos do brejo falam e têm comportamentos semelhantes aos dos humanos; com que gênero textual essa narrativa se parece? Em que outros textos os bichos falam e agem como os seres humanos?
4. De que forma Barrigapé realizava seus desejos? Como reagia à incredulidade da comunidade do brejo? Explore as estratégias do caramujo para concretizar seus planos. Incentive também os leitores a refletir sobre as ideias preconcebidas da comunidade e a atitude desafiadora de Barrigapé. Qual a opinião da turma sobre o comportamento destemido e idealista do personagem?
5. Proponha a interpretação da seguinte passagem: “*Mas Barrigapé não via como os outros caramujos – ele ob-ser-va-va.*” (p. 8). Promova o entendimento de que há diferença entre simplesmente olhar e olhar com atenção, observando detalhes, tentando entender como as coisas acontecem. Uma estratégia interessante é solicitar a leitura em voz alta do trecho, de

# CARAMINHOLAS DE BARRIGAPÉ



Marcos Bagno

modo que os leitores percebam o efeito provocado pelo recurso gráfico de separação da palavra “observava”, dando a ela ênfase especial.

6. Discuta em detalhes a forma como a linguagem é utilizada no livro. Sugira aos alunos que busquem passagens que tenham chamado a sua atenção, nas quais existam palavras novas ou construções que revelam as possibilidades de uso criativo da linguagem.

A partir de trechos como “A borboleta borboleteava, borbolava, borbolejava” (p. 8); “Vou voar e *vouvoarei*” (p. 9); “E se mexiam, se remexiam, se remelexiam” (p. 12); “baixôôôs”, “mééédios” e “agùùùdos” (p. 16), pode-se abrir uma discussão sobre os efeitos de sentido desses termos e fazer com que as crianças compreendam que, na criação literária, a composição verbal e a seleção de recursos linguísticos obedece à sensibilidade e a preocupações estéticas, nem sempre se conformando, portanto, aos padrões da escrita.

É possível discutir, por exemplo, o motivo pelo qual, além de “borboleteava”, foram utilizadas também as formas “borbolava” e “borbolejava”. Como muitas vezes o texto literário se abre a múltiplas leituras, incentive o grupo a lançar hipóteses e a perceber que essas palavras podem, quem sabe, representar diferentes formas de voar. Explore também a seguinte passagem: “A luva invisível do vento veio *vuvuvu*, avançou naquela nave-folha e levovou ela leve-leve a vovoar...” (p. 12). Saliente a repetição da consoante “v”, o que dá sonoridade ao trecho, bem como a criação de palavras que parecem ressaltar o ato de voar.

Interrogue se este mesmo emprego da linguagem seria possível – e adequado – em uma notícia de jornal ou em uma reportagem científica, por exemplo. Converse com a turma sobre a liberdade que a literatura oferece para “desafiar” o uso padrão da língua.

7. Explore a p. 25 e analise a exaltação de Barrigapé pelos caramujos do brejo. Por que ele passa a ser tão admirado, depois de ter sido tão criticado? Qual a sua reação diante das homenagens e ofertas de poder? O que fez de Barrigapé um rei? O que faz alguém um rei? Mencione as expressões “Rei da Música”, “Rei do Futebol” e discuta com os alunos o seu significado, apontando que esta é uma forma simbólica de se referir a alguém que se destaca naquilo que faz.

8. Afinal, quem era o narrador da história? Como se descobre isso? Peça aos leitores que identifiquem a semelhança entre Teófilo (Amadeus) e o caramujo, trabalhando com eles a passagem final, em que o narrador afirma ter entendido tudo. Que coisas ele entendeu, a ponto de decidir que só seria chamado de Amadeus?

9. Deixe que os alunos pensem e falem sobre o final da história. Depois de lerem o livro todo, como eles interpretam as “caraminholas” do arrojado caramujo? Eram somente caprichos passageiros ou ele realmente fazia seus sonhos se transformarem em realidade? Se pudessem escolher uma das aventuras de Barrigapé, qual delas gostariam de realizar: voar, cantar como um pássaro, nadar como um peixe ou falar uma língua considerada impossível para um humano?

## DEPOIS DA LEITURA

1. É possível relembrar outras histórias que os alunos conheçam e que se relacionem com o texto de Marcos Bagno. No livro *Marcelo, Marmelo, Martelo e outras histórias*, de Ruth Rocha, o personagem principal também fica questionando o nome das coisas e propõe mudá-los. Peça

# CARAMINHOLAS DE BARRIGAPÉ



Marcos Bagno

aos leitores que comparem os personagens dos dois livros, no que diz respeito ao desejo de mudança.

2. Assista com a turma ao filme *Ratatouille*, de Brad Bird, que conta a história de Remy, um rato que sonha em ser chefe de cozinha e luta para conseguir o que quer, mesmo contra a vontade da família, que insiste em tentar convencê-lo de que tal profissão não é apropriada a um rato. Remy estuda maneiras de se aperfeiçoar na culinária, chegando até mesmo a criar uma linguagem especial para se comunicar com Linguini, um humano que o ajudará a preparar, entre outros pratos, o delicioso Ratatouille.

Depois, leve os alunos a compararem o filme com o livro de Marcos Bagno, refletindo sobre as características comuns aos personagens Remy e Barrigapé: seus esforços para conseguirem se comunicar com os humanos e alcançar seus sonhos, e as gozações por parte da família e dos caramujos do brejo, respectivamente.

Colaboração: Ana Cristina de Aguiar Bernardes, Gilmar Falk Ferreira Brunetto, Lindsey Rocha, Lorena Ostrovski e Luciana Princival Ivankio